

Anorexia pode reduzir o tamanho do cérebro

Mulheres com o transtorno alimentar têm alterações "críticas" na espessura, no volume e na superfície cortical, mostra estudo com mais de 1,5 mil participantes. Cientistas acreditam que o fenômeno esteja ligado à queda brusca no IMC

Mudanças significativas na estrutura do cérebro podem estar ligadas ao desenvolvimento da anorexia nervosa, mostra o maior estudo feito até o momento sobre os dois fenômenos. Neurocientistas da Universidade de Bath, no Reino Unido, com o apoio de parceiros internacionais, detectaram diferenças "drásticas" entre a estrutura cerebral de pessoas com e sem o distúrbio alimentar. A expectativa do grupo é de que as descobertas ajudem no desenvolvimento de abordagens terapêuticas contra o problema, que costuma ser mais incidente em mulheres jovens.

O estudo reuniu mais de 1,5 mil exames de ressonância magnética cerebrais de mulheres. Das participantes, 685 tinham diagnóstico de anorexia nervosa e 963 integravam o grupo controle (não tinham o distúrbio alimentar nem estavam em recuperação). Entre as voluntárias com anorexia, 68% (485) estavam agudamente abaixo do peso e 32% (251) estavam sob tratamento e com o peso parcial restaurado.

Paul Thompson, professor de neurologia da University of Southern California, nos Estados Unidos, conta que o grupo se deparou com uma redução do órgão em proporções inéditas. "As alterações cerebrais na anorexia foram mais graves do que em qualquer outra condição psiquiátrica que estudamos", enfatiza, em comunicado.

As análises mostram que pessoas com o transtorno alimentar apresentaram reduções no tamanho e na forma do cérebro entre duas e quatro vezes maiores do que alterações observadas em pessoas com depressão, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) ou transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). "A anorexia afeta o cérebro mais profundamente do que qualquer outra condição psiquiátrica. Esse é realmente um alerta, mostrando a necessidade de intervenções precoces para pessoas com distúrbios alimentares", enfatiza Thompson.

ANDREAS SOLARO



Campanha de conscientização sobre a anorexia em uma rua italiana: distúrbio é mais comum entre mulheres jovens

"Descobrimos que as reduções na estrutura cerebral que observamos nas pacientes eram menos perceptíveis naquelas que estavam no caminho da recuperação. Esse é um bom sinal, pois indica que essas mudanças podem não ser permanentes. Com o tratamento certo, o cérebro pode ser capaz de se recuperar", detalha a pesquisadora do Departamento de Psicologia da universidade britânica.

Com base nos resultados, a equipe enfatiza a importância do tratamento precoce para ajudar as pessoas com anorexia a evitar alterações cerebrais estruturais de longo prazo. O tratamento atual combina psicoterapia e ganho de peso. A expectativa é de que os resultados do trabalho inédito ajudem a melhorar essas abordagens. "Os efeitos dos tratamentos e intervenções podem, agora, ser avaliados usando esses novos mapas cerebrais como referência", sugere Thompson.

O pesquisador também chama a atenção para o tamanho do estudo, que envolveu equipes da Universidade Técnica de Dresden, Alemanha, da Escola de Medicina Icahn em Mount Sinai, em Nova York, e do King's College de Londres. "A escala internacional desse trabalho é extraordinária. Cientistas de 22 centros em todo o mundo reuniram seus exames cerebrais para criar a imagem mais detalhada até hoje de como a anorexia afeta o cérebro", afirma.

A extensão do estudo também é destacada por Ewres de exames cerebrais de pessoas com anorexia nos permitiu estudar as alterações cerebrais que podem caracterizar esse distúrbio com muito mais detalhes", diz a líder do estudo.

As reduções (...) eram menos perceptíveis naquelas que estavam no caminho da recuperação. Esse é um bom sinal, pois indica que essas mudanças podem não ser permanentes"

Esther Walton, pesquisadora da Universidade de Bath e líder do estudo

Reversível

A hipótese levantada pelo grupo de cientistas é de que as mudanças observadas no tamanho do cérebro podem

ser atribuídas a reduções expressivas no índice de massa corporal (IMC) de quem tem anorexia. Dessa forma, a recuperação do peso poderia reverter as alterações cerebrais.

Líder do estudo, Esther Walton relata, também em comunicado, outra constatação feita pela equipe que sinaliza que as mudanças podem não ser duradouras.

Teste acusa risco entre grávidas

Ao menos 5% das mulheres experimentarão um transtorno alimentar durante a gravidez, estimam os especialistas. Mas não existe uma ferramenta de triagem rápida para identificar quem está correndo esse risco. Pesquisadores da Escola de Saúde Pública e da Faculdade de Medicina da Universidade de West Virginia, ambas nos Estados Unidos, se uniram para fazer um, apresentado na última edição da revista *Archives of Women's Mental Health*.

A ferramenta, intitulada triagem de comportamentos alimentares pré-natais (PEBS, pela sigla em inglês), é composta por 12 questões ligadas à frequência de comportamentos ou sentimentos ligados a distúrbios alimentares. Com ela, é possível rastrear a ocorrência de anorexia, bulimia e transtorno de compulsão alimentar.

Nos testes sobre a precisão da PEBS, a equipe recrutou 190 gestantes e constatou que

aquelas que marcaram ao menos 39 pontos na escala eram cerca de 16 vezes mais propensas a terem um diagnóstico de transtorno alimentar, quando comparadas às participantes com escore mais baixo. Para confirmar esses resultados, a equipe realizou outra rodada de testes com novas voluntárias. O teste de validação, com 167 participantes, confirmou as descobertas iniciais.

5%

das mulheres experimentarão um transtorno alimentar durante a gravidez

Aprovado

Líder do projeto, Elizabeth Claydon relata que mais de 70% das mulheres

que relataram ter um transtorno alimentar atingiram o ponto de corte de 39 na ferramenta criada por ela e sua equipe. Além disso, mais de 80% das mulheres que não relataram ter um transtorno alimentar foram excluídas corretamente ao usar esse escore de corte.

"Estatisticamente, parece uma ferramenta fantástica, e é bom ver esses números se

Martin Bureau/AFP



Os distúrbios alimentares podem aumentar o risco de perda prematura, entre outras complicações

» Efeito pandemia

Uma revisão sistemática publicada em abril, no *International Journal of Eating Disorders*, mostra que, durante a pandemia da covid-19, as admissões hospitalares relacionadas a transtornos alimentares (TA) aumentaram 48%. Os autores do estudo analisaram os resultados de 53 pesquisas, publicadas entre novembro de 2019 e outubro de 2021, somando dados de 36.485 pessoas. A equipe liderada por Daniel J. Devoe, da Universidade de Calgary, no Canadá, também identificou um aumento nos quadros de ansiedade e depressão. Para os autores, os fenômenos estão relacionados principalmente às medidas de isolamento.

encaixando no conjunto de dados de validação", comemora a também professora-assistente do Departamento de Ciências Sociais e Comportamentais da universidade americana.

A cientista enfatiza que os benefícios da adoção da ferramenta

são ampliados. "Com distúrbios alimentares, não há muito tempo para os indivíduos esperarem para obter ajuda. Se prevenirmos ou tratarmos esses problemas durante a gravidez, não só podemos ajudar a mãe, mas também a criança."

Segundo a Associação Nacional de Distúrbios Alimentares, dos Estados Unidos, se uma mulher tiver um distúrbio alimentar durante a gravidez, seu bebê terá um risco aumentado de parto prematuro e baixo peso ao nascer, entre outras complicações.